

25 ANOS DA QUEDA DO MURO DE BERLIM

A HISTÓRIA MENOS CONHECIDA A IGREJA CATÓLICA POLACA NA TRANSIÇÃO PARA A DEMOCRACIA

Madalena Meyer Resende e Marcin Zatyka

Se o papel de João Paulo II na luta contra o comunismo é indisputado, o papel da Igreja polaca na transição de 1989 é menos conhecido, mas não menos importante. A Igreja polaca apoiou a formação do Solidariedade no verão quente de 1980, mas nunca perdeu a independência, de tal modo que permaneceu uma intermediária em que o regime confiou no decorrer das negociações com a oposição. O presente artigo descreve e analisa a atuação da Igreja nas diferentes fases deste processo, desde a instauração do comunismo às eleições semilivres de 1989. O artigo argumenta que a Igreja teve um papel crucial na formulação das redes de oposição que levaram à formação do Sindicato Solidariedade e que o seu capital social e político foi essencial para levar a bom termo a transição pactuada que resultou no desmoronar do comunismo na Europa Central e Oriental e na reunificação da Europa.

WYSZYŃSKI E WOJTYŁA:

A IGREJA DURANTE O COMUNISMO

Durante o período comunista a Igreja Católica Polaca sofreu perseguições e tentativas de aniquilamento da sua independência pelo regime, tendo resistido a estas graças à estratégia concebida e levada a cabo pelo Cardeal Stefan Wyszyński. Wyszyński combinava a capacidade de defender os interesses da Igreja com a habilidade para negociar com

RESUMO

Este artigo descreve o contributo da Igreja polaca para o processo democrático na Polónia. Argumenta-se que a Igreja teve um papel crucial na formulação das redes de oposição que levaram à formação do Sindicato Solidariedade e que o seu capital social e político foi essencial para levar a bom termo a transição pactuada que resultou no desmoronar do comunismo na Europa Central e Oriental e na reunificação da Europa. O artigo analisa a atuação da Igreja nas diferentes fases deste processo, desde a instauração do comunismo às eleições semilivres de 1989.

Palavras-chave: transição, Polónia, 1989, Igreja Católica

ABSTRACT

THE LESS KNOWN STORY: THE CATHOLIC CHURCH AND THE TRANSITION TO DEMOCRACY IN POLAND

This article describes the contribution of the Polish Catholic church for the democratic process in Poland. The article proposes that the church had a crucial role in the formulation



of the opposition networks that led to the formation of the Solidarity Trade Union in 1980 and that its social and political capital was essential to lead the pacted transition resulting in the crumbling of communism in Central and Eastern Europe in 1989 and in European reunification. This article analyzes the work of the church during the different phases of this process, from the imposition of communist to the semifree elections of 1989.

Keywords: transition, Poland, 1989, Catholic Church

o regime, sendo conhecido por saber sempre onde estava ‘a borda do abismo’¹. Durante a crise de outubro de 1956, conhecida como o outono Polaco, vendo-se a braços com um levantamento popular contra o regime, o recentemente reinstaurado Secretário Geral do partido Stanislaw Gomulka propôs ao Cardeal uma aliança patriótica para salvar a Polónia da invasão soviética². Em troca, a Igreja polaca conseguiu maior liberdade de culto e a legalização dos Clubes de Intelectuais Católicos (KIK) e das suas publicações, a mais importante das quais era o semanário, *Tygodnik Powszechny*. Logo em 1957, a Igreja lançou uma contraofensiva no sentido de mobilizar os fiéis em torno de um ideal nacional

e religioso. As Novenas do Milénio duraram nove anos e levaram a todas as cidades e vilas polacas a imagem da Nossa Senhora de Czestochowa, num programa destinado a preparar a celebração do Milénio Sagrado do batismo do primeiro rei polaco, Mieszko I, em 966. O santuário da Nossa Senhora Negra de Czestochowa, o local principal das celebrações da Novena foi chave para o vocabulário simbólico da Novena, representando a nação polaca unida sob a bandeira da Nossa Senhora e resistindo ao regime comunista³. As Novenas foram usadas pela Igreja para imprimir um carácter religioso às celebrações do Estado polaco e dessa forma desafiar a legitimidade do regime comunista.

A Igreja fez também uso da retórica patriótica para contrariar os ventos modernizadores do Concílio Vaticano II e a tentativa do Papa Paulo VI e do secretário de estado Agostino Casaroli de ganhar maior controlo sobre a Igreja polaca⁴. Wyszynski declarou que «A Igreja está plenamente consciente da sua missão histórica em relação à nação, pela qual se lutou no passado quando o estado teve que manter silêncio.»⁵

No final dos anos sessenta, a fação progressista e universalista ganhou um líder, o Arcebispo de Cracóvia, Karol Wojtyła, reconhecido pelo seu trabalho no Concílio Vaticano II. Wojtyła cultivou relações com os Arcebispos Koenig de Viena e Alfred Bengsh de Berlim⁶. No convite para as celebrações do Milénio Sagrado Polaco, o Episcopado polaco incluiu a *Carta Pastoral dos Bispos Polacos aos seus Irmãos Alemães*, redigida por Wojtyła e que iniciava um diálogo de reconciliação, encapsulado na famosa frase «nós perdoamos e pedimos perdão»⁷. Contudo, a resposta tépida dos bispos alemães a esta carta deu azo a que o regime comunista criticasse a carta dos bispos polacos, lançando uma campanha sob o mote «nós não perdoamos e não esquecemos»⁸. Esta foi uma posição que foi bem recebida pela sociedade e que caracteriza bem o clima de confronto entre a Igreja e o Estado nesta década.

A «IGREJA E A ESQUERDA»⁹

Durante os anos setenta, a nova corrente universalista liderada por Wojtyła aproximou-se de uma nova geração de dissidentes. Anteriormente a Igreja e a dissidência ao regime posicionavam-se em setores políticos opostos; a desilusão com o regime durante os

confrontos estudantis em Varsóvia em março de 1968 aproximou uma nova geração de dissidentes da defesa dos direitos humanos proposta por Wojtyła e aqueles que estavam contra o regime pelo seu ataque à dignidade humana¹⁰. Apesar de Wojtyła ter sido inicialmente considerado pelo regime como mais conciliador do que Wyszyński, o Arcebispo de Cracóvia veio a ser o autor de um novo discurso anticomunista que redesenhou as linhas de batalha contra o comunismo¹¹. Para Wojtyła, o materialismo Marxista levava a uma concepção errada da natureza humana, logo a sua resistência ao comunismo assentava numa acusação mais fundamental contra o regime¹².

A repressão violenta dos trabalhadores pelo regime comunista durante os protestos de 1976 levaram os dissidentes ex-Marxistas a organizar o Comité de Defesa dos Trabalhadores (KOR)¹³. Os intelectuais de esquerda constituíam o núcleo do KOR, mas alguns padres como Jan Zieja e Zbigniew Kamiński foram também membros importantes, e o grupo tinha ligações importantes com os KIK¹⁴. Nestas redes de opositores entre os membros do KIK e do KOR formaram-se os primeiros núcleos da elite política democrática.

A eleição de Karol Wojtyła ao papado em 1978 deu a esta aliança anticomunista uma nova dinâmica e uma dimensão global¹⁵. Durante a visita apostólica à sua terra natal em 1979, João Paulo II apresenta o programa do seu papado: a unificação da Europa. Na primeira homilia do seu pontificado, João Paulo II anuncia o desejo de que todos os sistemas políticos abram as portas a Cristo, sendo esta já uma afirmação programática de luta pela cristianização da Europa. Durante a oração ao Espírito Santo na missa em Gniezno, o local de nascimento da nação polaca, Wojtyła exortou: «E Cristo não quer a unificação da Europa? O Espírito Santo não o ordena? Que através deste Papa polaco, o Papa eslavo, a unidade espiritual da Europa Cristã é demonstrada, constituída por duas tradições, a Oriental e a Ocidental? Nós, Polacos, que sempre fomos parte da tradição Ocidental, assim como os nossos irmãos Lituanos, sempre estimámos as tradições do Cristianismo Oriental. Os nossos países foram convidados por estas tradições, que deram origem a uma nova Roma – em Constantinopla.»¹⁶

A IGREJA E O SOLIDARIEDADE

Menos de um ano passou entre a visita papal e a emergência do Solidariedade. Durante a greve de ocupação nos estaleiros navais Lenine em Gdansk, forjou-se uma aliança entre trabalhadores grevistas, a Igreja católica e os dissidentes, que resultou numa mobilização sem precedentes da sociedade civil no sindicato Solidariedade¹⁷. Desde a sua legalização, em setembro de 1980, até à sua suspensão em dezembro de 1981, o Solidariedade mobilizou 10 milhões de membros e tornou-se o mais sério desafio ao comunismo¹⁸.

Contudo, o Solidariedade não confrontou diretamente o regime: a agenda política do movimento não contemplava nem o derrube nem a reforma do partido comunista. A 'revolução autolimitada' do Solidariedade tinha como objetivo a criação de uma sociedade civil paralela e compatível com o poder do partido comunista.

Durante este período, a Igreja Polaca atuou tanto como apoiante como mediadora entre o Solidariedade e o governo comunista. As facções tradicionais e progressistas da Igreja uniram-se no apoio ao Solidariedade. O líder católico Tadeusz Mazowiecki, futuro primeiro-ministro da Polónia democrática, foi dos primeiros a apoiar os trabalhadores em greve através da carta dos 64 intelectuais¹⁹. As missas e confissões do Padre Henryk Jankowski no adro do Estaleiro Lenine tornaram-se, juntamente com os crucifixos, bandeiras polacas e pósteres de João Paulo II, elementos intrínsecos da estética e do ethos do movimento. O clero teve uma influência forte na atuação do Solidariedade, tendo o regime frequentemente pedido ao Cardeal Wyszyński para interceder junto da liderança do Solidariedade, em particular de Lech Wałęsa, encorajando-o a tentar moderar o sindicato nos momentos em que o radicalismo do movimento arriscava o carácter autolimitado da revolução. A Igreja foi também parte da Comissão Conjunta entre o governo e o Solidariedade, onde o Cardeal de Cracóvia Franciszek Macharski, o Arcebispo Jerzy Stroba de Poznan, o Bispo Bronisław Dąbrowski²⁰, secretário do Episcopado, e o Padre Alojzy Orszulik, porta-voz do Episcopado, tentaram mediar a relação entre o movimento e o governo²¹.

Para além do seu papel de mediação, um dos impactos mais significativos da Igreja no Solidariedade durante o período de 1980-81 foi a influência que teve na criação do ethos

do Solidariedade. Membros do clero, tais como o Padre Józef Tischner e, acima de tudo, João Paulo II e o seu Evangelho da Liberdade, providenciaram a doutrina no qual o programa ideológico do Solidariedade se baseou²². Depois da imposição da lei marcial em dezembro de 1981 e da ilegalização

PARA ALÉM DO SEU PAPEL DE MEDIAÇÃO,
UM DOS IMPACTOS MAIS SIGNIFICATIVOS
DA IGREJA NO SOLIDARIEDADE DURANTE
O PERÍODO DE 1980-81 FOI A INFLUÊNCIA QUE
TEVE NA CRIAÇÃO DO ETHOS DO SOLIDARIEDADE.

do Solidariedade, as visitas do papa à Polónia em 1983 e 1987 continuaram a influenciar a oposição na clandestinidade²³. Para além do apoio moral ao Solidariedade durante estas visitas, os ensinamentos doutrinários do papa sobre a dignidade da pessoa humana e a sua insistência de que as relações entre as nações deveriam ser baseadas no reconhecimento mútuo e na solidariedade entre as nações influenciou as futuras elites democráticas em assuntos de política interna e externa²⁴. Como João Paulo II escreveria mais tarde: «Por um lado, as diferenças nacionais devem ser mantidas como base da solidariedade Europeia, por outro lado, a identidade nacional só pode ser concretizada através da abertura às outras nações e à solidariedade com elas.»²⁵

O Solidariedade traduziu estas exortações numa política externa em que a prioridade da unificação Europeia e a reconciliação com os países vizinhos com quem a Polónia tinha uma história de guerra durante os séculos anteriores ocupou o primeiro plano. A partir de meados dos anos oitenta, estes assuntos passaram a ser debatidos numa série de debates intitulados «Fórum na Europa» e levados a cabo pelos *millieus* católicos de Varsóvia, mas incluindo o que viria a ser a elite de política externa da Polónia

democrática²⁶. Estes debates foram cruciais para criar um consenso sobre a prioridade da integração europeia para a Polónia livre entre as futuras elites democráticas²⁷, sendo que as redes pró-Europeias da elite polaca viriam a tornar-se mais proeminentes na Comissão Executiva Nacional do Solidariedade, quando esta foi reconstituída em 1987²⁸. Para além desta reorientação das linhas mestras da política Europeia Ocidental da Polónia, o Solidariedade também alterou a sua política externa em relação à Ucrânia e Lituânia, sendo uma das primeiras apoiantes das aspirações de independência destes países²⁹.

A TRANSIÇÃO PARA A DEMOCRACIA

Durante o período da clandestinidade, em particular enquanto a maioria da liderança do movimento estava presa, a Igreja Católica representou o Solidariedade nas conversações com as autoridades comunistas polacas. Contudo, a cada vez mais enfraquecida economia polaca jogava a favor do Solidariedade. Em novembro de 1984, centenas de milhares de polacos encheram Varsóvia durante o funeral do Padre Jerzy Popiełuszko, o capelão do Solidariedade, assassinado por agentes secretos. O aumento da contestação social foi crescente a partir de 1986, e o regime dirigido pelo general Wojciech Jaruzelski estava cada vez mais preocupado com a inquietação popular e mostrou-se cauteloso em relação à oposição. Em novembro de 1987, a população respondeu às propostas de reformas políticas e económicas pelo regime com indiferença, tendo-se registado a maior abstenção de todas as eleições organizadas na Polónia comunista³⁰.

Quando, em janeiro de 1988, uma onda de greves começou em Nowa Huta e mais tarde se espalhou por todo o país, o regime concluiu que não poderia ultrapassar a crise sem o apoio do Solidariedade. No ano anterior, João Paulo II tinha visitado a Polónia e mostrado mais uma vez a capacidade de mobilização da Igreja, e o seu apoio implícito ao Solidariedade deu à oposição a credibilidade necessária. Sob a égide da *Perestroika* de Mikhail Gorbatchev, o líder comunista General Jaruzelski anunciou, durante o plenário do Comité Central, a criação de uma câmara alta no parlamento a 13 junho de 1988. A intenção era introduzir alguns elementos pluralistas na instituição e de incluir a oposição no sistema político. Contudo, a linha dura do partido recusou-se a negociar diretamente com o Solidariedade, e, por essa razão, a liderança moderada do Partido decidiu pedir ao Cardeal Glemp que atuasse como intermediário com a oposição. A 3 de maio de 1988, o secretário do Comité Central Stanisław Ciosek – encarregado de negociar com a oposição – informou o líder do KIK de Varsóvia, Andrzej Wielowieyski, que o partido estava pronto para iniciar negociações com o Solidariedade³¹.

O Cardeal Glemp nomeou os padres e bispos que mediarão entre o regime e a oposição, tendo estes sido cruciais para o estabelecimento das negociações e do seu sucesso para ultrapassar as diferenças entre o Solidariedade e o regime que decorreram entre fevereiro e abril de 1988: o Padre Bronisław Dembowski, diretor espiritual do KIK de Varsóvia, o Padre Alojzy Orszulik, o secretário do Episcopado e o bispo Tadeusz Gocłowski³².

Ficou assim demonstrado que, apesar do apoio dado por João Paulo II e por uma grande parte do clero à oposição do Solidariedade, o regime considerou a Igreja a sua melhor escolha para servir de intermediário³³.

A IGREJA, A MESA REDONDA E A REORIENTAÇÃO DA POLÍTICA EXTERNA DA POLÓNIA

Depois de Mikhail Gorbatchev declarar ao General Wojciech Jaruzelski, durante a visita a Varsóvia no verão de 1988, em como não via obstáculos à inclusão do Solidariedade na esfera política, as negociações para uma transição política ganharam velocidade. A Igreja permaneceu um elemento agilizador do processo, ajudando a ultrapassar os impasses que iam surgindo. Por exemplo, em novembro de 1988, quando as conversações foram interrompidas devido ao desacordo entre Wałęsa e o governo sobre a exigência de legalização do Solidariedade, a mediação do Padre Orszulik, secretário do Episcopado, e do Arcebispo Dąbrowski foi essencial para encontrar uma fórmula que permitisse ultrapassar o bloqueio: as duas partes acordaram que a legalização do Solidariedade seria o resultado das negociações, não o seu ponto de partida³⁴.

Durante o processo negocial iniciado em fevereiro de 1989, o clero polaco permaneceu em primeiro plano. Membros do clero estiveram presentes não só na mesa redonda, mas, foram também presença constante nas conversações informais que envolviam um grupo muito restrito de negociadores e onde algumas das decisões fundamentais foram tomadas. Alojzy Orszulik esteve em todas as reuniões, tendo mais uma vez atuado como garante da boa-fé das partes e relatando todo o processo³⁵.


O governo e a oposição assinaram os acordos de mesa redonda a 4 de abril de 1989³⁶. A principal conclusão do processo foi o acordo quanto a um contrato entre o Solidariedade e o Partido em relação ao novo poder político: não só se formou um parlamento bicameral instituído de poderes políticos reais e se instituiu um chefe de Estado, como o Solidariedade foi legalizado e pôde concorrer nas eleições parlamentares de junho de 1989. A Igreja polaca esteve ao lado do Solidariedade durante a campanha eleitoral, tendo as listas do Solidariedade ganhado 99 dos 100 lugares no Senado e todos os lugares aos que tinham direito a candidatar-se na câmara baixa, i.e. 35 por cento³⁷.

O papel da Igreja não terminou com as eleições de junho de 1989. Depois da vitória do Solidariedade, os comunistas reacearam que o Sindicato não cumprisse o acordo de que 65 por cento dos lugares no parlamento permanecessem sob controlo comunista. Mais uma vez a Igreja foi importante ao assegurar aos comunistas que o Solidariedade não contestava o acordo e ajudou a forjar o compromisso resultando na formação de um governo de coligação liderado por Tadeusz Mazowiecki em setembro de 1989³⁸.

CONCLUSÃO

Este artigo analisou o papel da Igreja Católica polaca na resistência ao comunismo e o seu papel na transição pactuada, em que o Solidariedade e o Partido Operário Unificado Polaco negociaram a mudança de regime. Estas linhas comprovam a análise de Linz e

de Stepan que apontam para o facto de a Igreja polaca ter sido um terceiro polo de poder social e político, e que, por essa razão, o regime comunista na Polónia nunca atingiu características totalitárias³⁹. As relações entre a Igreja e o comunismo foram caracterizadas por confronto mas também por negociação constante. O surgimento do movimento Solidariedade esteve, por isso, ligado à existência de redes de oposição em que a Igreja desempenhou um papel de apoio.

Pelo seu apoio ao Solidariedade e pela importância nas negociações da transição pactuada, nos primeiros anos de democracia a Igreja Católica polaca gozava de um capital social e político extremamente alto. Embora este apoio incondicional se tenha degradado nos anos subsequentes e a unidade que caracterizou a sua atuação durante o comunismo se tenha dissipado, o legado de uma política externa pró-Europeia perdurou nas décadas seguintes, fazendo hoje da Polónia um membro plenamente integrado da Europa reunificada. 

Data de receção: 15 de julho de 2014 | Data de aprovação: 29 de agosto de 2014

- 1** WEIGEL, George – *The end and the beginning: Pope John Paul II – The victory of freedom, the last years, the legacy*. Nova Iorque: Image Books, 2010, p. 210.
- 2** A Polónia conseguiu assim evitar o destino da Hungria, onde a rebelião anti-comunista foi combatida pelo Exército Vermelho e pelas tropas do Pacto de Varsóvia.
- 3** OSA, Maryjane – *Solidarity and Contention: Networks of Polish Opposition*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003, p. 62.
- 4** CASAROLI, Agostino – *Il Martirio della Paziienza: La Santa Sede e i paesi comunisti (1963-89)*. Torino: Einaudi, 2000, pp. 301-303.
- 5** MONTICONE, Ronald C. – *The Catholic Church in Communist Poland 1945-1985: Forty Years of Church-State Relations*. Nova Iorque: East European Monographs, Boulder, 1986, p. 156.
- 6** RAINA, P. K. – *Kościół PRL. Kościół katolicki a państwo w świetle dokumentów 1945-1989*, t. 3. Poznań: Pelplin, 1996, p. 227.
- 7** MONTICONE, Ronald C. – *The Catholic Church in Communist Poland 1945-1985: Forty Years of Church-State Relations*. New York: East European Monographs, Boulder, 1986, pp. 39.
- 8** LUXMOORE, Jonathan e BABIUCH, Jolanta – *The Vatican and the Red Flag: The Struggle for the Soul of Eastern Europe*. New York: Geoffrey Chapman, 2000, p. 139.
- 9** Este é o título do livro de Adam Michnik descrevendo o processo de aproximação dos dissidentes de esquerda e da Igreja. Ver MICHNIK, Adam – *The church and the left*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.
- 10** GREGG, Samuel – *Challenging the modern world: Karol Wojtyła/John Paul II and the development of Catholic social teaching*. Lanham: Lexington Books, 2002, p. 70; ZMIJEWSKI, Norbert A. – *The Catholic-Marxist ideological dialogue in Poland, 1945-1980*. Aldershot, Hants, England: Brookfield, 1991, p. 170.
- 11** LUXMOORE, Jonathan e BABIUCH, Jolanta – *The Vatican and the Red Flag: The Struggle for the Soul of Eastern Europe*. New York: Geoffrey Chapman, 2000, p. 197.
- 12** WILLIAMS, George – *The Mind of John Paul II: Origins of His Thoughts and Actions*. Nova York: Seabury Press, 1981, p. 267.
- 13** BERNHARD, Michael H. – *The origins of democratization in Poland: workers, intellectuals, and oppositional politics, 1976-1980*. New York: Columbia University Press, 1993, pp. 88-90.
- 14** BERNHARD, Michael H. *The origins of democratization in Poland: workers, intellectuals, and oppositional politics, 1976-1980*, 1993, p. 137; OSA, Maryjane – *Solidarity and Contention: Networks of Polish Opposition*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003, p.181.
- 15** SNYDER, Timothy – *The reconstruction of nations: Poland, Ukraine, Lithuania, Belarus, 1569-1999*. New Haven: Yale University Press, 2003, p. 276.
- 16** João Paulo II, 1979.
- 17** FRISZKE, Andrzej. Opozycja polityczna w PRL 1945-1980. Londres: Aneks, 1994, p. 591.
- 18** OSA, Maryjane. *Solidarity and Contention: Networks of Polish Opposition*, 2003, p. 131; ACHERSON, Neal – *The Polish August: The Self-Limiting Revolution*. Londres: Penguin, 1981, pp. 135-167.
- 19** ACHERSON, Neal. *The Polish August: The Self-Limiting Revolution*, 1981.
- 20** O Bispo Bronistaw Dąbrowski foi o braço direito do Cardeal Wyszyński durante a crise de 1980-1981.
- 21** ACHERSON, Neal. *The Polish August: The Self-Limiting Revolution*, 1981, p. 222.
- 22** *Ibidem*, p. 267.
- 23** WEIGEL, George – *Witness to hope: The biography of Pope John Paul II*. New York: Cliff Street Books, 2001, pp. 263-296.
- 24** HANSON, Eric O. – *The Catholic Church in world politics*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1987, p. 52.
- 25** POPE JOHN PAUL II – *Post-Synodal Apostolic Exhortation, Ecclesia in Europa, of His Holiness Pope John Paul II to the Bishops Men and Women in the Consecrated Life and All the Lay Faithful on Jesus Christ Alive in His Church the Source of Hope for Europe*. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2003.
- 26** SKORZYŃSKI, Zygmunt – *Konwersatorium i Fundacja „Polska w Europie» (The Seminar and the Foundation »Poland in Europe»)*. Polska w Europie. 1990, pp.98-100; ZATYKA, Marcin. *O papel de João Paulo II e da Igreja Católica polaca na adesão da Polónia à União Europeia*. PhD Thesis. Lisboa: Nova University of Lisbon, dezembro 2003.
- 27** CZAPUTOWICZ, Jacek – «Polityka zagraniczna w działaniach opozycji przed rokiem 1989». In *Polski Przegląd Dyplomatyczny*, Vol. 4-5, 2009, pp. 57-86.
- 28** BOROWSKI, Adam e OFICYNA WYDAWNICZA – *The road to independence: Solidarnosc, 1980-2005*. Warszawa: Oficyna Wydawnicza Volumen, 2005, p. 139.
- 29** SNYDER, Timothy – *The reconstruction of nations: Poland, Ukraine, Lithuania, Belarus, 1569-1999*. New Haven: Yale University Press, 2003, pp. 229-30.
- 30** ZAMOYSKI, Adam. *História da Polónia*. Lisboa: Edições 70, p. 350.
- 31** RAINA, Peter. *Rozmowy z władzami PRL. Arcybiskup Dąbrowski w służbie Kościoła i Narodu*. Vol. II. Varsóvia: Książka Polska, 1995, pp. 232-240.
- 32** RAINA, Peter. *Rozmowy z władzami PRL. Arcybiskup Dąbrowski w służbie Kościoła i Narodu*. Vol. II. Varsóvia: Książka Polska, 1995, pp. 232-240.
- 33** ZIEMER, Klaus – «Die Rolle der katholischen Kirche beim politischen Systemwechsel 1988 bis 1990», In VEEN, Hans-Joachim, MÄRZ, Peter et SCHLICHTING, Franz-Josef [dir.] – *Polen: Kirche und Revolution: das Christentum in Ostmitteleuropa vor und nach 1989*. Köln: Böhlau, 2009, pp. 79-90.
- 34** ELSTER, Jon – *The roundtable talks and the breakdown of communism*. Chicago: University of Chicago Press, 1996, p. 29.
- 35** ORSZULIK, Alojzy – *Czas przelomu: Notatki ks. Alojzego Orszulika z rozmów z władzami PRL w latach 1981-1989 (A Time of Breakthrough: Father Alojzy Orszulik's Notes from discussions with the authorities of the Polish People's Republic in the years 1981-1989)*. Warszawa: Apostolicum Wydawnictwo Księży Pallotynów, 2006, p. 605; ZIEMER, Klaus – «Die Rolle der katholischen Kirche beim politischen Systemwechsel 1988 bis 1990», 2009, p. 93.
- 36** Os acordos da mesa redonda podem ser consultados em: <http://okragly-stol.pl/>
- 37** ROSZKOWSKI, Wojciech. *Najnowsza historia Polski*. Varsóvia, Świat Książki, 2003, pp. 117.
- 38** ZIEMER, Klaus – «Die Rolle der katholischen Kirche beim politischen Systemwechsel 1988 bis 1990», 2009, p. 96.
- 39** LINZ, Juan J. e STEPAN, Alfred C. – *Problems of democratic transition and consolidation: Southern Europe, South America, and post-communist Europe*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1996.